



A HORA DA DECISÃO

Raul Drewnick



Ilustrações ***José Aguiar e Luciano Lagares***

ea
editora ática

A hora da decisão
© Raul Drewnick, 2002

Diretor editorial	<i>Fernando Paixão</i>
Editora	<i>Carmen Lucia Campos</i>
Editor assistente	<i>Roberto Homem de Mello</i>
Preparadora	<i>Maria Sylvia Corrêa</i>
Coordenadora de revisão	<i>Ivany Picasso Batista</i>
Revisora	<i>Cátia de Almeida</i>

Arte	
Editora	<i>Suzana Laub</i>
Editor assistente	<i>Antonio Paulos</i>
Editoração eletrônica	<i>Flavio Peralta (Estúdio O.L.M.)</i>
	<i>Claudemir Camargo</i>
Ilustrações <i>Openthedoor</i>	<i>José Aguiar</i>
	<i>Luciano Lagares</i>
Tratamento de imagem	<i>Cesar Wolf</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D832h

Drewnick, Raul
A hora da decisão / Raul Drewnick ; ilustrações José
Aguiar e Luciano Lagares. - 1.ed. - São Paulo : Ática,
2003.

104p. : il. - (Vaga-Lume Júnior)

Contém suplemento de atividades
ISBN 978-85-08-08609-2

I. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Aguiar, José.
II. Lagares, Luciano. III. Título. IV. Série.

09-5114. CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 08609-2 (aluno)

CAE: 220326
CL: 731345

2019
1ª edição
14ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2003
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05495-902 – Pinheiros – São Paulo - SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A HORA DA DECISÃO



O Róbson tem razão de se chatear: César e Marcelo gostam de uma confusão!

O pai do Róbson é um cara legal.
O que será que essa tal Susana quer com ele?



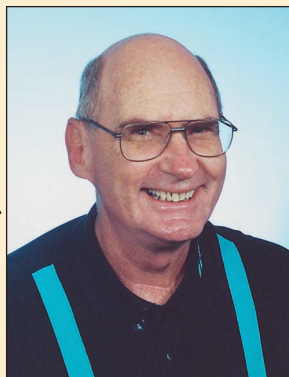
Acho que vou acompanhar Róbson, Lulu e Tampinha pra ver de perto o resultado dessas disputas com César e Marcelo.



Conhecendo

Raul Drewnick

Foto: Vítório T. Nakaya



O escritor e jornalista Raul Drewnick nasceu em São Paulo, em 1938. Se você já deu uma espiada nas emocionantes cenas de jogo de bola deste livro, deve ter pensado que ele é um apaixonado pelo fu-

tebol. E é mesmo, daqueles que ficam passando de um canal para outro no domingo, em busca dos programas esportivos. Principalmente nas rodadas em que o seu time se dá bem.

Este livro, além da bola, traz outros assuntos que costumam estar nos seus textos: a convivência familiar e a dura realidade brasileira. Para o autor, num mundo cada vez mais cheio de muros separando as pessoas, o ambiente familiar é um dos poucos espaços reservados aos sonhos que as pessoas podem sonhar juntas. Ah, sim, Raul é pai de três filhos já bem crescidinhos: dois homens e uma mulher.

Dos seus vários livros infantojuvenis e adultos, há outro na coleção Vaga-Lume Júnior: "Ricardinho, o grande".



Sumário

1. Com raiva e sem requeijão	7
2. O jogo da vingança	10
3. Uma rebatida fatal	14
4. O anão contra o gigante	17
5. Minha mãe e seu pai	19
6. A ameaça de Marcelo	21
7. Lágrimas e mais lágrimas	24
8. As coisas vão mal	28
9. Uma, uma e meia ou duas?	30
10. O brigadeiro ataca de novo	34
11. Adeus, empadinhas	38
12. Quanto vale uma boa conversa	41
13. Uma barraca linda	45
14. A loira Susana	49
15. A palavra é “cuidado”?	53
16. Dois homens estranhos	57
17. Será que eles são da polícia?	61

18. <i>Ônibus, sardinhas e latas</i>	65
19. <i>Um garoto mal-educado</i>	67
20. <i>O que a loira faz</i>	72
21. <i>Amanhã você vai ver</i>	74
22. <i>Tome conta do seu pai</i>	77
23. <i>Uma ladra em fuga</i>	81
24. <i>Susana aparece</i>	85
25. <i>O que aconteceu com Susana</i>	88
26. <i>O nome no muro</i>	94
27. <i>O jogo do século</i>	97

1 Com raiva e sem requeijão



Assim que o despertador começou a tocar, Róbson esticou o braço sobre a mesinha de cabeceira e travou o alarme. Não queria que a mãe, lá embaixo, ouvisse. Ele estava acordando vinte minutos antes do horário habitual e, dali a pouco, a mãe teria uma surpresa. Pela primeira vez em muitos séculos, ela não precisaria ficar insistindo para ele se apressar se não quisesse chegar tarde à escola.

Tinha tomado banho à noite, para não perder tempo de manhã, e em um minuto estava quase pronto. Enquanto amarrava o tênis, ele começou a assobiar, mas baixinho. A mãe só devia descobrir que ele estava acordado quando ele aparecesse de repente na cozinha e a abraçasse, dando-lhe o maior susto.

Ela ia pensar que ele tinha se aprontado cedo só para não ser chamado outra vez de dorminhoco, mas não era isso. Róbson havia sido humilhado na véspera, na escola, e não queria ficar sem dar o troco. Já estavam marcados a hora e o local para a desforra: vinte minutos antes do sinal para a primeira aula, no pátio do colégio.

Com o tênis já amarrado, ele puxou bastante ar para dentro do peito e disse, com raiva:

— Você vai ver, Marcelo. Ontem você gozou a minha cara, mas hoje eu é que vou gozar a sua.

Saiu do quarto pisando leve, para não fazer barulho, e ao passar pelo quarto do pai e da mãe ouviu um ruído estranho: parecia haver um avião lá dentro. Pela porta meio aberta, ele viu, deitado na cama, com o barrigão para cima, os cabelos já com algumas falhas e o bigode maltratado, a pessoa que ele mais amava no mundo: o pai. Tudo estaria normal, se já não fosse hora de o pai estar indo para o trabalho e se não fosse também aquele ronco, que estava mais forte do que nunca.

Descendo lentamente a escada do sobradinho, Róbson chegou à pequena sala e entrou na cozinha. A mãe, ocupada em lavar uma tigela, fechou a torneira da pia e virou-se para ele ao pressentir sua presença.

— Nossa! Que horas são? Eu esqueci de te chamar, não é?



— Não, mãe — disse Róbson, abraçando-a. — É cedo ainda. São só sete e quinze.

Ela olhou para o relógio grande pendurado na parede e perguntou:

— E o que você está fazendo, já de pé?

— É que eu...

— Você já está até pronto! — a mãe interrompeu. — O que vai acontecer hoje lá na escola? Vai ter festa?

Róbson sorriu:

— Não, mãe. Eu quero chegar mais cedo porque marquei encontro com os meus amigos.

— Encontro?

— É.

— Encontro para quê?

— Pra conversar, mãe.

— Conversar? Não existe mais recreio na escola?

— Existe, claro.

— E por que vocês não conversam na hora do recreio?

— Nós conversamos, mãe. Mas às vezes não dá pra gente falar tudo que a gente quer — respondeu Róbson, já impaciente. Estava perdendo muito tempo com aquelas explicações. Daquele jeito, ia acabar chegando à escola mais tarde do que nunca.

Quando já imaginava que a mãe ia continuar com o interrogatório, ela pareceu se esquecer daquilo e disse:

— Pode sentar, que eu já pego o pão e o leite.

Róbson sentou-se mais do que depressa e, assim que a mãe pôs o copo de leite na mesa, ele tomou metade num gole só. A mãe passou margarina num pedaço de pão de forma e deu a ele.

— Não tem requeijão? — Róbson perguntou.

— Não — respondeu a mãe e, pelo jeito como ela balançou a cabeça, desanimada, Róbson soube que, se não havia requeijão na geladeira, não tinha sido por falta de tempo para ir comprar. O que estava faltando, mais uma vez, era dinheiro.

Então ele se lembrou do pai roncando lá em cima e disse:

— O que está acontecendo com o pai? Ele não vai trabalhar hoje?

— Acho que ele só vai à tarde. Ele está doente — foi a resposta da mãe, mas Róbson não sentiu firmeza nela. Aquelas gripes do pai — umas quatro por mês — estavam ficando uma coisa muito esquisita. Mas, se



não fosse gripe, o que poderia ser? Róbson não conseguia imaginar seu herói predileto vencido por um inimigo vulgar como a preguiça.

Ele engoliu o pão e o resto do leite, apanhou a mochila escolar, beijou a mãe e foi saindo, apressado. Eram quatro quarteirões até a escola e ele não queria chegar nem um minuto atrasado para o desafio que tinha marcado na véspera e que esperava vencer de qualquer jeito: um jogo de futebol em que ele e o amigo Luís — o Lulu — iam defender a honra do quinto ano contra uma dupla do sexto ano: César, um convencido, e o insuportável Marcelo.

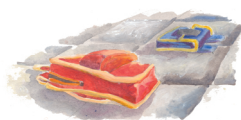
Já quase na esquina, deu um tchauzinho para a mãe e ouviu:

— Tchau, filho. Boa conversa, ouviu? Mas cuidado para não gastar a garganta.

Róbson sorriu. Essa frase brincalhona deixou nele a impressão de que a mãe talvez não estivesse tão triste quanto ele havia achado.



2 *O jogo da vingança*



Procurando andar cada vez mais rápido, Róbson foi pensando nos dribles que daria na dupla do sexto ano. Se Lulu não vacilasse na hora de defender, se não quisesse ficar fazendo tudo sozinho, se passasse a bola, aqueles dois grandões bobos do sexto iam levar a maior goleada e aprender uma lição: tamanho podia ser importante no vôlei e no basquete, mas no futebol podia até atrapalhar. Quanto maiores as pernas, mais fácil era uma tropeçar na outra.

Mais uma lição que a dupla de girafas ia receber: nunca se deve humilhar um adversário. Na véspera, depois de uma vitória magra de 2 a 0 num jogo disputado num canto do pátio da escola, na hora do recreio, e interrompido pelos berros da diretora, César e Marcelo tinham esnobado demais. Depois da ordem de dona Dulce para parar o jogo, eles, agitando as mãos e rindo como idiotas, haviam começado uma volta olímpica pelo pátio, como se tivessem acabado de ganhar a Copa do Mundo.

— Agora esses carinhas do quinto não vão ter mais coragem de se meter com a gente — havia comemorado Marcelo, aplaudido por alguns colegas do sexto ano.

— O Lulu é muito ruim de bola. Nossa! — tinha exclamado César.

— O Róbson é pior. Você viu a furada que ele deu agora no fim? — havia perguntado Marcelo, gargalhando tanto que seu corpo se sacudiu todo.

Ouvindo isso, enquanto os colegas de classe olhavam com decepção e censura para eles e os meninos e meninas das outras turmas riam, Lulu e Róbson tinham ficado resmungando, torcendo para que o recreio acabasse logo e eles pudessem ir correndo para a sala de aula, fugindo daquele vexame.

— Esses dois são uns mascarados — disse Róbson. — Pensam que são o máximo.

— Você acha que nós jogamos mal? — perguntou Lulu.

— Não. Nós jogamos até bem. Mas você podia passar mais a bola.

— Eu dei um bolão pra você, mas você furou.

— Eu escorreguei, você não viu? — justificou-se Róbson, mostrando a sola do tênis, muito gasta.